"*É... BOTA DE CASTIGO... AÍ, DEPOIS VAI PEGAR. AÍ, A GENTE ABAIXA A CABEÇA. EU E ALANA FICOU LÁ, FOI BOM!"* AS TRANGRESSÕES DAS CRIANÇAS FRENTE AO INSTITUÍDO

Jeane Costa Amaral[1]

Tacyana Karla Gomes Ramos[2]

O presente resumo trata-se do recorte de uma pesquisa de Mestrado de cunho etnográfico, de natureza qualitativa e intitulada Práticas de cuidados/ educação na creche: que dizem as crianças sobre a atuação de suas educadoras? que tem como objetivo central analisar os dizeres das crianças a respeito das práticas de cuidados/educação desenvolvidas por suas educadoras na creche. Nesse recorte aqui apresentado, elegemos como objetivo específico identificar as transgressões apresentadas pelas crianças em distintos momentos das vivências e práticas pedagógicas e em seus diferentes modos, perceptíveis através das vozes, dos movimentos, dos gestos e das expressões construídas e comunicadas por elas. O referencial teórico discute e apresenta as produções da Sociologia da Infância e pressupostos educacionais que consideram a criança como sujeito socialmente ativo desde bebê, com diferentes capacidades sociocomunicativas para se relacionar, participar de eventos culturais, apreender e compartilhar significados, utilizando-se de diferentes recursos para expressar seus interesses, necessidades e motivações (RAMOS, 2010). A sociologia da infância postula que a infância e as crianças devam ser estudadas na sua diferença em relação ao adulto, como "o outro", na sua alteridade, pelo valor que têm em si mesmas, e não indiretamente ou passivamente por meio de outras categorias da sociedade, como a família ou a escola (ABRAMOWICZ e MORUZZI, 2010). Participaram da pesquisa vinte e cinco crianças de ambos os sexos, com idades entre três e quatro anos, integrantes de um agrupamento etário denominado de Maternal III, matriculadas em uma instituição municipal de Educação Infantil de Aracaju/SE. Os instrumentos utilizados para a produção dos dados foram videogravações, fotografias e registros escritos, organizados em diários de campo, episódios interativos e relatos. Também foram realizadas sessões de conversas com as crianças durante a realização de

[1] Doutorado em Educação (UFAL), Professora EBTT da Universidade Federal de Campina Grande , jeane.costa@professor.ufcg.edu.br

[2] Doutorado em Educação(UFPE), Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe, tacyanaramos@gmail.com

oficinas de escuta planejadas, a saber: jogos com fotografias dos adultos profissionais da creche, histórias para completar e desenhos produzidos por pares de idade como formas de acesso aos dizeres das crianças sobre o tema alvo da investigação. As sessões de produção de informações com as crianças foram submetidas à microanálises, descritas em 9 episódios interativos e 21 relatos que foram agrupados em quatro categorias: a) o que dizem as crianças sobre a identidade de atuação profissional de suas educadoras; b) o que expressam as crianças sobre o processo de escolarização na creche; c) o disciplinamento na creche desvelado nas falas das crianças e d) as transgressões das crianças frente ao instituído pelas suas educadoras. O recorte ora apresentado diz respeito a quarta categoria analisada. Através das transgressões, as crianças reagem às tentativas de padronização impostas por suas educadoras, recriando situações e posturas a elas imputadas, demonstrando ruptura com a ordem social estabelecida pelos adultos. Mesmo sob vigília dos adultos, as ações das crianças ainda não se enquadraram nos ditames de um sistema que prima pelo homogêneo e que lhes é preexistente. Logo, as crianças não deixaram de criar situações "ilícitas" para viverem experiências em que se reconhecem como autoras de suas práticas, conforme apresentaremos. Nesse recorte da pesquisa selecionamos três episódios: o primeiro episódio está relacionado a transgressão relacionado as práticas de disciplinamento das crianças através do castigo, denominado de "*Foi bom*!" demostra como algumas práticas desenvolvidas com as crianças podem viabilizar uma construção não intencional, por meio da qual se supõe que, em nome da proteção e guarda da criança, podemos utilizar qualquer estratégia, mesmo aquelas que por vezes podem apresentar algumas "violências simbólicas". Essa expressão foi utilizada por Charlot (2012, p.74) para explicitar que o ato de ensinar pode se tornar uma violência simbólica, a qual foi caracterizada pelo autor como "atos e situações em que a própria dignidade e autoestima ficam feridas, apesar de não acontecer violência física. " Paula (2010, p. 91), ao pesquisar as transgressões na creche, também aponta tais "violências simbólicas" ao afirmar que "há uma hierarquia nas relações sociais entre adultos e crianças, expressa no poder do adulto e materializada sob a forma de regras 'explícitas' e 'implícitas', ainda que sob a égide do respeito ao outro, da proteção às crianças ou da organização do ambiente. " O segundo episódio analisado denominado de "*Bom dia tia, como vai...? "* Os dados apresentados nesse episódio coadunam com as afirmações de Corsaro (2011) a respeito da necessidade de compartilhamento entre adultos e crianças. O autor afirma que o importante não é que o entendimento compartilhado seja alcançado, mas que haja tentativas entre os interlocutores. Dessa forma, podemos entender que, a

fim de mantermos uma relação mais próxima com as crianças, devemos perceber que as transgressões são maneiras da criança nos mostrar a sua necessidade de compartilhamento nas relações sociais que estabelece com o adulto. A transgressão apresentada nesse episódio podemos denominar de *transgressão lúdica* (PAULA, 2007, p. 56)*,* "entendendo essa ação não como intencionalidade de se opor ao adulto, mas como necessidade de viver sua ludicidade, de conhecer o mundo experimentando". Dessa forma ao transgredir o instituído, a criança estabelece outro formato de inter-relaçã0, onde seus desejos e vontades e não do interesse do adulto, prevalecem. O terceiro e último episódio denominado de Massinha de Modelar tem a intenção de afirmar o caráter não pejorativo da expressão transgressão, como já abordamos anteriormente, e mostrar que as transgressões não são ações determinadas apenas pela repulsa de atos de disciplinamento e coesões, mas da própria alteridade da criança. Paula (2007, p. 56) definiu como *transgressões de resistência*, ou seja, "aquelas ações em que os interesses são confrontados, e mesmo a voz do adulto tendo maior dominação, não há ausência de estratégias. " Tal definição coaduna com outro conceito defendido por Goffaman (apud Corsaro, 2011, p. 54 e 55), o de *ajustes secundários*, que diz respeito a "qualquer disposição habitual pela qual um membro de uma organização emprega significados não autorizados, ou obtém finalidades não autorizadas, ou ambos...". Desse modo, percebemos nesse episódio que será apresentado a disposição das crianças de burlar o estabelecido e obter a finalidade não autorizada, utilizando-se de outras estratégias e pelo qual pudemos inferir que as crianças encontram formas de praticar sua alteridade, mesmo quando são impedidas de fazê-lo, criando alterações de regulamentos impostos pelos adultos, ou na estrutura organizacional dos espaços. Elas mostram, assim, que a transgressão em si não é algo pejorativo ou ofensivo, mas é uma condição necessária a ajustar-se ao encontro de seus interesses e expectativas. Os resultados indicam que as crianças reconhecem as diferenças de atuação profissional entre as educadoras que lhes dirigem práticas de cuidados e educação cotidianamente na creche. Na perspectiva das crianças, as práticas de cuidar e educar são, por muitas vezes, circunscritas por atos de disciplinamento ou castigos, distantes das propostas preconizadas pelos documentos legais voltados para a educação da primeira infância. Verificamos que as crianças transgridem o instituído proposto pelas educadoras, resistindo a um sistema educacional que prima pelo homogêneo. Os dados produzidos reforçam os achados de outros estudos que tecem críticas ao modelo de educação, no qual todas as crianças devem seguir os

mesmos tempos, os mesmos modos, seguindo a lógica do consenso que desconsidera a pluralidade, interesses e características de cada criança e de sua infância.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Jeane Costa. Práticas de cuidados/educação na creche: o que dizem as crianças sobre a atuação de suas educadoras? 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

CHARLOT, Bernard. Pode o ato de ensinar ser considerado uma violência? In: ANDRADE,Fernando Cezar Bezerra de (Org.). **Escola**: faces da violência, faces da paz. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vidadas crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e práticana pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Acção colectiva e agência nas culturas de pares infantis. In: FERREIRA, Manuela;SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs.). **Antropologia de textos em sociologia da infância**.Porto: ASA, 2004.

_____. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**. Dossiê Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. Campinas, vol. 26, n.91, p.443-464, mai./ago. 2005.

_____. **The Sociology of Childhood**. Thousand Oaks California: Pine Forge Press, 1997.

PAULA, Eliana de. **Deu, já brincamos demais! As vozes das crianças diante da lógica dosadultos na creche: transgressão ou disciplina?** 2012.168f. Dissertação (Mestrado em educação) CED/UFSC Florianópolis, SC, 2012.

_____.**As ações das crianças no cotidiano de uma creche**: tensão entre transgressão edisciplina. Visão Global. Joaçaba, v. 13, n. 1, p. 77-96, jan./jun. 2010

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.